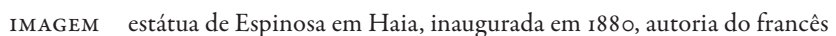


Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 49 jul-dez 2023 ISSN 1413-6651

IMAGEM  estátua de Espinosa em Haia, inaugurada em 1880, autoria do francês Frédéric Hexamer (1847-1924). A estátua está localizada ao lado da casa em que o filósofo residiu durante os últimos sete anos da sua vida, onde completou o texto da *Ética* e recebeu a visita de Leibniz.

RESENHA DO LIVRO *WHEN SPINOZA MET MARX:
EXPERIMENTS IN NONHUMANIST ACTIVITY*,
DE TRACY MATYSIK

Pedro Henrique Almeida Cabrera
graduando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
pedrohac3004@gmail.com

RESUMO: Nesta resenha são apresentados alguns pontos fundamentais do livro de Tracie Matysik *When Spinoza Met Marx: Experiments in Nonhumanist Activity*. Na obra, a autora analisa detidamente alguns pensadores ligados à tradição alemã pós-Hegel: Heinrich Heine, Berthlod Auerbach, Moses Hess, Karl Marx, Johann Jacoby, Jakob Stern e Gueorgui Plekhanov. Seu foco é o modo como todos esses utilizaram o pensamento de Espinosa para compreender a noção de atividade e a possibilidade de transformação social. Espinosa era fundamental para o tema, pois seu pensamento permitiria unir a ação humana à sua completa determinação frente à necessidade presente na natureza, duas ideias indispensáveis para um século no qual a ciência se desenvolvia rapidamente e para um país que acabara de presenciar as revoluções nas terras vizinhas. Matysik, então, nos oferece a oportunidade de entender a riqueza do espinosismo, dadas as inúmeras possibilidades de interpretação das obras do filósofo neerlandês, utilizadas tanto para fins revolucionários quanto reformistas. Além disso, a partir da segunda metade do livro, a autora nos convoca para discutir as relações entre a filosofia da completa determinação e os movimentos com raízes no socialismo marxista, apresentando os principais problemas que surgiam – e ainda surgem – para os autores que buscavam traçar tal conexão.

I. INTRODUÇÃO: ATIVIDADE E NÃO HUMANISMO

O título e o subtítulo do livro de Tracie Matysik, *When Spinoza Met Marx: Experiments in Nonhumanist Activity*, causam um certo estranhamento. Primeiro, a ordem pareceria invertida, Marx encontra Espinosa porque o segundo é anterior ao primeiro. Além disso, alguns termos são inicialmente incompatíveis: como falar de Marx junto de um não humanismo? A questão surge porque esse autor se declarou em seus *Manuscritos Econômico-filosóficos* (escritos pouco depois de seu contato com Espinosa) adepto de um “humanismo”, sendo esse a verdade do idealismo e do materialismo (MARX, 2004, p.127). Ora, é necessário destrinchar com calma essas ideias.

O livro de Matysik tem como problema fundamental a noção de atividade. Ou seja: o que é ser ativo? Como nós – humanos – podemos exercer atividade? Como em qualquer obra de história da filosofia, Matysik deverá recortar o problema. O primeiro recorte é local e temporal: o que significa ser ativo na Alemanha do século XIX? O segundo deles é filosófico: O que significa ser ativo na Alemanha do século XIX depois de termos lido Espinosa? Com isso, a autora seleciona pensadores que utilizaram Espinosa abertamente para fundamentar sua posição acerca da revolução ou reforma das instituições sociais. Esse recorte filosófico se justifica porque Espinosa é uma figura emblemática para o pensamento alemão da época, sua filosofia seria necessariamente uma “pedra de toque” para pensar a atividade, justamente pelo seu determinismo (MATYSIK, 2022, p.16). É que, segundo a autora, os alemães se deparavam com duas posições aparentemente contraditórias. De um lado, a filosofia de Espinosa começa a ser valorizada. Lessing havia se declarado, em particular, espinosista, assim como Schelling fizera quando jovem; também Hegel havia apresentado as grandes qualidades desse sistema. Com isso, Espinosa estava em voga como uma filosofia da completa necessidade, na qual o humano era pensado como totalmente determinado pelas leis da natureza, inexistindo, portanto, uma liberdade enquanto vontade livre, completa autodeterminação e ação incausada. Do outro lado, os alemães olhavam para a França e a Inglaterra; as grandes revoluções e transformações nesses países eram para eles

prova fundamental da possibilidade de mudança causada pela ação conjunta dos humanos. A questão será, então: como pensar uma liberdade ou atividade transformadora, no interior de uma situação completamente determinada?

Com isso, posso esclarecer a ideia de não humanismo. A autora identifica algumas posições do “humanismo moderno” em seu texto:

humanos como emancipados da religião e da superstição e como senhores do seu próprio destino; humanos como agentes intencionais de suas ações e da história; humanos como transcendendo e dominando a natureza, trazendo cada vez mais a natureza sob seu controle; humanos como exibindo universalmente aspectos categoricamente distintos de outras criaturas, sejam animadas ou inanimadas (esse universalismo frequentemente exibindo concepções normativas – e brancas, masculinas, europeias – do humano); humanos como agentes racionais dominando suas próprias inclinações corporais; e o bem estar humano como preocupação ética (MATYSIK, 2022, p.9)

No geral, o humanismo entende que as pessoas são diferentes do resto da natureza, categoricamente distintas dela, por sua faculdade de ação livre, incondicionada. Todos os autores apresentados buscaram, então, de algum modo fugir desse voluntarismo presente nas teses humanistas, de modo que Espinosa é a autoridade onde essas posições são refutadas com mais veemência. O seu sistema, que vê apenas a substância e seus atributos, seria uma das respostas mais consistentes para a intuição, cada vez mais clara, de que os humanos são natureza. Mesmo quando se interpreta religiosamente sua posição, como parece fazer Heinrich Heine, devemos perceber que, como qualquer outra coisa, somos uma expressão determinada da essência de Deus, portanto, nada separado e livre das leis naturais/divinas.

Sendo assim, outras duas questões presentes no título se esclarecem. Espinosa encontra Marx (e todos os outros pensadores apresentados) porque

o pensamento do filósofo do determinismo completo, da democracia e da crítica da superstição ilumina grande parte dos problemas de uma tradição que se quer revolucionária, mas não humanista. O pensamento de Espinosa, já presente em alguns círculos de intelectuais, necessariamente esbarra nas questões candentes da Alemanha do XIX. Também a ideia de experimento é muito adequada. Como apresentarei brevemente, as filosofias mencionadas pela autora não adquirem necessariamente um caráter sistemático: elas tentam unir marxismo ao espinosismo, revolução ao repouso, transcendência sobre o humano à valorização do sujeito, e nesse sentido são experimentos. Tentativas de erigir um pensamento que fundamente a prática utilizando várias influências distintas, portanto, em alguns momentos necessariamente contraditórias, mas nem por isso menos efetivas.

2. HEINE: RELIGIOSIDADE E O REPOUSO DA SUBSTÂNCIA

Matysik (2022, pp.15-6) divide seu livro em duas partes. Cada uma delas consiste em três capítulos. A primeira apresenta as questões da atividade e do espinosismo em autores antes do marxismo organizado; contempla, então, o pensamento de Heinrich Heine, Berthold Auerbach, Moses Hess, e do jovem Karl Marx. Na segunda parte, a autora seleciona políticos e pensadores diretamente ligados ao movimento dos trabalhadores organizados e ao marxismo presente nele: Johann Jacoby, Jakob Stern e Gueorgui Plekhanov. O capítulo sete, por fim, apresenta uma conclusão do livro e os apontamentos para a compreensão das interpretações revolucionárias do espinosismo pós 1917. Sem pretensão de esgotar a obra, parece oportuno apresentar alguns dos pontos centrais dessas duas partes.

O capítulo sobre Heine apresenta alguns dados sobre a história da recepção de Espinosa na Alemanha que estarão presentes em todo o livro. Assim, passemos brevemente pelo modo como Espinosa ganha notoriedade na Alemanha e como Heine avalia essa recepção, isso é, o *Pantheismusstreit*. A questão do panteísmo em Espinosa começa com o livro de Jacobi *Sobre a Doutrina*

de Espinosa em Cartas ao Senhor Moses Mendelssohn. Nele, o autor defenderia que com a filosofia de Espinosa as coisas particulares tornam-se “instâncias passageiras em leis infinitas da causalidade imanente” (MATYSIK, 2022, p.32). Assim, a filosofia racionalista ao extremo de Espinosa gera consequências inevitáveis: perdemos “a liberdade subjetiva individual” e qualquer possibilidade de um “Deus transcendente” (MATYSIK, 2022, p.32). Assim, devemos dar um salto mortal – indo para o lado da fé e abandonando, nesse ponto, a razão – para admitir um Deus transcendente que criou o mundo de modo incausado, possibilitando a fuga do determinismo absoluto. A polêmica teria, contra as intenções de Jacobi, trazido Espinosa ao centro do debate, incitando novos pesquisadores a estudá-lo e fazendo aqueles que já o conheciam em segredo o fazerem abertamente. É interessante notar, então, na resposta de Heine à obra de Jacobi, uma interpretação muito particular do espinosismo. Heine rejeita completamente a separação radical entre razão e fé, justamente porque a filosofia de Espinosa une as duas de um modo novo. O espinosismo é: “o terceiro evangelho – religiosidade absolutamente sem forma institucional, sem subordinação à igreja ou ao dogma.” (MATYSIK, 2022, p.32). Isto é, Espinosa, por elaborar um sistema filosófico de racionalismo absoluto, produz uma religião que foge das instituições comuns que aprisionam os corpos. Aqui Heine desdoa, então, de outras interpretações revolucionárias de Espinosa, como Jakob Stern (já em fase mais madura de seu pensamento) e Conrad Schmidt, que viam esse autor como uma *alternativa* à religião ou como a possibilidade de uma ética que *fugisse* da religiosidade (MATYSIK, 2022, pp.176-9). Com isso, já se apresenta um dos temas que permeiam o livro de Matysik: a religiosidade supostamente presente no pensamento de Espinosa será sempre usada ou para criticar a apropriação do autor pelo pensamento revolucionário, ou para elogiá-lo como uma forma de religião diferente das anteriores e útil na tarefa de transformação social. Outro ponto fundamental no capítulo sobre Heine é a avaliação hegeliana da substância de Espinosa e o uso que Heine faz dela.

A crítica de Hegel se sustenta em três pontos fundamentais: 1) a filosofia de Espinosa é a de de uma substância imóvel; 2) não dá lugar ao particular; 3) é oriental, judaica, relacionada, portanto, ao começo. É imóvel porque o ab-

soluto espinosano não é negado internamente, não chega à consciência de si por um processo, assim não é sujeito e não percebe a progressividade da razão. Não dá lugar ao particular porque tudo se dissolve no absoluto, não há nada realmente distinto e independente de Deus, assim, o “mundo das coisas individualizadas (a *natura naturata* de Espinosa) não tem realidade em si mesmo” (MATYSIK, 2022, pp.43-4). Com isso, o orientalismo de Espinosa se justifica: sua filosofia se aproxima da intuição hebraica (portanto, antiga, inicial) de um Deus absoluto e “intocado” pelos humanos. Matysik não entra no mérito da crítica, mas demonstra como Heine seguiu um caminho muito diferente na aceitação dos argumentos hegelianos. O poeta aceita que, realmente, em Espinosa não há nenhuma negação, é uma filosofia da identidade absoluta, de Deus e universo sem qualquer conflito, qualquer dialética. A natureza é nesse sentido um “repouso vigoroso”, termo que dá nome ao capítulo de Matysik sobre Heine e aparece novamente no título do último capítulo. Isso significa que Heine neutraliza a crítica de Hegel: a falta de “realidade substantiva” não é de modo algum interpretada como a falha no sistema de Espinosa, mas é, pelo contrário, por meio dela que pensamos uma “possibilidade emancipatória não tanto na interrupção das leis normais da natureza, mas na própria negação do humano e na ruptura [*disruption*] da história secular-progressiva.” (MATYSIK, 2022, p. 46-7). Essa relação com Hegel é fundamental porque a sua avaliação da filosofia de Espinosa aparecerá em Feuerbach e em Marx, mas nem sempre para referir-se ao sistema do filósofo racionalista, pelo contrário, será usado em diversas situações, inclusive para criticar Hegel (MATYSIK, 2022, p.116). Com isso, podemos passar a algumas questões presentes no capítulo sobre Marx.

3. MARX: DEMOCRACIA E LIBERDADE; HUMANISMO E NÃO HUMANISMO

O grande problema de estudar as relações entre Marx e Espinosa é o das fontes. Marx leu Espinosa com bastante atenção em sua juventude, sabemos disso pelo seu famoso *Caderno Espinosa*, onde o alemão copia trechos do *Tratado teológico-político* (ESPINOSA, 2003) e os reorganiza. Em outros textos,

Marx faz poucas menções ao filósofo, mas – como esses poucos documentos são o único material disponível para a análise – as comparações acabam por relacionar Marx e Espinosa extrinsecamente, com pouco apoio em citações diretas do revolucionário alemão sobre a filosofia da imanência. Dito isso, Matysik consegue apresentar dois pontos de contato que parecem ter evidência material mais concreta, são eles o da democracia e da liberdade.

Fazendo uma análise do texto de Marx, no qual ele copia e destaca partes do *Tratado Teológico-político*, Matysik identifica no jovem leitor a investigação do problema da liberdade e da determinação, tema desenvolvido no seu doutorado, escrito na mesma época da leitura do filósofo neerlandês (MATYSIK, 2022, p.108). A partir da reorganização de Marx, começando o livro pelo capítulo 6 (Dos Milagres), vemos que o jovem aceitava a ideia de Espinosa como um pensador determinista. Nesse capítulo, Espinosa apresenta a ideia de que tudo está dentro da lei natural, os milagres só podem ser entendidos como “opiniões humanas”, que não compreendem que Deus não pode ir contra as leis que seguem de sua natureza, dado que elas “implicam eterna verdade e necessidade” (ESPINOSA, 2003, p.98). Nessa visão de eternidade e necessidade das leis, a decisão humana também não pode ser transcendente à necessidade da natureza, mas Matysik (2022, p.109) reitera que é especialmente importante para Marx (dado que ele grifa a passagem) o fato de Espinosa aceitar que na política, por necessidades práticas, é melhor considerar a existência da possibilidade e não da necessidade de todas as coisas. Pensando essa aceitação da contingência, Marx faz uma coletânea das partes em que Espinosa apresenta a noção de liberdade. Essa noção apareceria várias vezes no *Tratado Teológico-político*, mas o leitor encontra a liberdade positiva precisamente na ideia da formação de uma união dos indivíduos a partir da busca de perseverança no próprio ser. A união se dá justamente porque, em grupo, a capacidade de causar efeitos e de perseverar é maior do que quando os indivíduos estão isolados. Nessa noção, Marx teria identificado uma posição que garante liberdade positiva, pois as pessoas têm capacidade de agir, transformar sua realidade, mas sem ir contra a natureza; pelo contrário, continuam completamente determinadas e inclusas no interior das leis naturais

(MATYSIK, 2022, p.111). Com essa reescrita do *Tratado Teológico-político*, Matysik conclui justamente que Espinosa é um autor no qual Marx buscou os mesmos temas do seu doutorado: atividade, contingência e necessidade, mas, com a quantidade diminuta de comentários de Marx ao texto, é muito difícil especificar o que o autor tomou de Espinosa na constituição de seu pensamento.

Um ponto relacionado a esse é o da influência de Espinosa nas ideias de Marx sobre a democracia. Marx, em sua *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, defende a democracia como “gênero da constituição”, nesse sentido, é a “verdade” de todas as formas de Estado (MARX, 2010, p.51; p.49). Matysik (2002, p. 114) identifica a semelhança dessas passagens com as passagens gridadas por Marx em sua leitura do *Tratado Teológico-político* sobre a democracia. A junção das pessoas pela necessidade de perseverar e para aumentar a própria potência encontra na democracia sua forma mais natural, ela garante, justamente, a liberdade naquele sentido positivo que Marx buscava. Como Matysik reconhece, Feuerbach certamente tem uma grande influência nesse procedimento, não podemos esquecer que essa ideia de “verdade” como um fundamento – algo que é ocultado, mas que na realidade, possibilita outra coisa – aparece tanto nas *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia*, de 1842, quanto nos *Princípios da Filosofia do Futuro*, de 1843. Em ambos os casos a antropologia é a verdade da religião e da filosofia especulativa (FEUERBACH, 2008a e 2008b). Entretanto, esse autor foi pouco engajado politicamente. Com isso, a defesa da democracia, apoiada na semelhança das passagens, parece demonstrar, em Marx, a “expansão [...] de uma linhagem feuerbachiana-espinosista” (MATYSIK, 2022, p.114). O procedimento da crítica feuerbachiana é utilizado pensando a democracia, no sentido espinosano, isto é, como o fundamento da política e da união entre as pessoas.

Por fim, podemos tratar de um problema que apresentamos no início: podemos chamar Marx de um experimento não humanista? Lembremos a passagem dos *Manuscritos Econômico-filosóficos*: “vemos aqui como o naturalismo realizado, ou humanismo, se diferencia tanto do idealismo quanto

do materialismo e é, a um só tempo, a verdade unificadora de um e de outro” (MARX, 2004, p.127). Aqui, Marx se declara um humanista, justamente em um contexto de crítica a Hegel e de defesa da possibilidade de ação humana. A grande questão é que essa ação se dá *na* natureza, precisamente porque as pessoas são “desde a origem, natureza”, por isso, a sua filosofia é também um naturalismo (MARX, 2004, p.127). Explico brevemente: os humanos possuem forças objetivas, naturais na medida em que possuem um corpo próprio; com essas forças, criam objetos, mas só podem fazer isso porque sempre estiveram em contato com objetos de seu “corpo inorgânico” (a natureza) e dependem dele para a sobrevivência (MARX, 2004, p.84). Toda a ação – justamente a exteriorização de suas forças objetivas – ocorre em objetos do seu corpo inorgânico, do mesmo modo, seu lado passivo, seu carecimento de objetos, é o que sustenta sua atividade e as forças presentes em seu corpo: essa dependência garante, portanto, a objetividade humana. Sendo assim, nesse trecho, vemos presente aquela tensão que sempre aparece com a apresentação de uma definição geral: o jovem Marx é um autodeclarado humanista, mas pela categoria de Matysik, é um não humanista. Essa tensão é reconhecida pela autora: Marx rompe com Feuerbach justamente pela incompreensão do autor quanto à possibilidade de ação humana, mas essa ação não pode se dar fora da natureza. A autora conclui, então, que nessa época Marx apresenta tendências humanistas e não humanistas que se unem e se sobrepõem (MATYSIK, 2022, pp.133-4).

4. STERN E PLEKHANOV: OS LIMITES DA RELAÇÃO ESPINOSISMO E MARXISMO

Nos três capítulos seguintes àquele sobre Marx, Matysik trata de três autores que se relacionam ao movimento organizado dos trabalhadores. Aqui, entretanto, gostaria de apresentar um problema que está mais claro em dois dos autores comentados: Plekhanov e Stern. Esses dois, ligados também ao movimento dos trabalhadores, possuem uma inclinação marxista mais clara do que Jacoby (o primeiro autor comentado por Matysik nessa parte), e com isso, procuraram – muito mais claramente do que Marx – relacionar

pontos do marxismo com a filosofia de Espinosa. Assim, são experimentos interessantes para pensar os primórdios da relação, hoje já consolidada, entre espinosismo e marxismo.

Jakob Stern se baseou na filosofia de Espinosa para pensar uma ética no interior do projeto socialista e de acordo com a ciência (MATYSIK, 2022, p.174). Para Stern a ética era necessária para a condução da vida antes e após o socialismo. Ela é fundamental inclusive para angariar seguidores para o movimento revolucionário. As pessoas não conduzem suas vidas por meio da lógica, mas do sentimento, de modo que é necessário elaborar um pensamento que atenda a essas necessidades de acordo com o projeto do socialismo (MATYSIK, 2022, p.174). O modo de pensar essa ética da necessidade natural deverá então passar pelas definições espinosanas de afeto, *conatus* e pela ideia da necessidade de conhecer a causa do afeto para sermos ativos. O interesse aqui, entretanto, é a crítica de Plekhanov a Stern e a tensão entre marxismo e espinosismo presente nela. Para Plekhanov, Stern utilizou Espinosa como forma de completar o marxismo, retificar o problema da falta de uma ética, portanto, Stern não compreendia o projeto marxiano e sua completude interna (MATYSIK, 2022, p.203). Com isso, ele conclui: o socialismo não precisa de uma ética, mesmo que ela entenda a determinação dos indivíduos frente à natureza.

Plekhanov não deixará de relacionar Espinosa a Marx. Sua utilização da filosofia de Espinosa, entretanto, não é a de um complemento ao sistema do socialismo, mas a de uma identificação das duas correntes por meio do materialismo. O pensamento de Espinosa permite a compreensão da necessidade na história, do mesmo modo que a necessidade na natureza. Espinosa quebra, portanto, a ilusão do voluntarismo e subjetivismo políticos (MATYSIK, 2022, p.205). A crítica que receberá Plekhanov também apresenta uma tensão entre marxismo e espinosismo, pois, ao aceitar a necessidade natural no sentido de Espinosa, o russo teria deixado o pensamento dialético, esquecendo um ponto fundamental do socialismo: os humanos negam a natureza, transformando-a com o projeto de escapar da determinação natural, alcançando o reino da liberdade (MATYSIK, 2022, p.216).

Matysik (2022, p.216) reconhece, no caso de Plekhanov, que esses problemas da relação entre Marx e Espinosa não foram ainda resolvidos. Realmente, é perceptível que a ação sobre a natureza e a possibilidade de submetê-la aos fins humanos está no interior do marxismo, mas o humano como parte da natureza aparece textualmente na obra de Marx. Assim, o problema do humanismo e da determinação passa pela reavaliação do modo não só como entendemos a natureza, mas como agimos frente a ela. Além disso, a possibilidade de uma ética para o socialismo é sempre levantada, mas pode ser questionada, primeiro, pela sua necessidade frente ao projeto do materialismo dialético, como faz Plekhanov. Por fim, a necessidade do movimento histórico e da transformação dos modos de produção continua uma questão em aberto; de um lado podemos imaginar, como Plekhanov, que a revolução é uma necessidade histórica, mas por outro lado, essa necessidade dá ensejo ao problema da existência ou não da teleologia implicada no processo, aparecendo, nesse ponto, o distanciamento frente à filosofia da pura causalidade eficiente. De qualquer modo, o livro de Matysik passa, a partir da história da filosofia, por vários dos grandes problemas do marxismo, do espinosismo e dos limites da relação entre atividade e determinação humanas, sendo, portanto, de uma atualidade inegável.

ABSTRACT: This review presents some fundamental points from Tracie Matysik's book *When Spinoza Met Marx: Experiments in Nonhumanist Activity*. In the work, the author meticulously analyzes certain thinkers linked to the post-Hegelian German tradition: Heinrich Heine, Berthold Auerbach, Moses Hess, Karl Marx, Johann Jacoby, Jakob Stern, and Georgi Plekhanov. Her focus lies in how all these thinkers used Spinoza's philosophy to understand the notion of activity and the possibility of social transformation. Spinoza was pivotal to the theme, as his thoughts allowed for the integration of human action with its complete determination in the face of the necessity present in nature—two indispensable ideas for a century in which science was rapidly advancing, and for a country that had just witnessed revolutions in neighboring lands. Matysik, therefore, provides us with an opportunity to grasp the richness of Spinozism, given the numerous interpretations of the works of the Dutch philosopher, employed for both revolutionary and reformist purposes. Furthermore, in the second half of the book, the author invites us to discuss the relationships between the philosophy of complete determination and movements rooted in Marxist socialism, presenting the main problems that arose—and continue to arise—for authors seeking to establish such a connection.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ESPINOSA, B. (2003). *Tratado Teológico-Político*. Tradução: Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes.
- FEUERBACH, L. (2008a). *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia*. Tradução: Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- _____. (2008b). *Princípios da Filosofia do Futuro*. Tradução: Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- MATYSIK, T. (2022) *When Spinoza met Marx: experiments in nonhumanist activity*. Chicago: The University of Chicago Press.
- MARX, K. (2010). *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 2º Edição. Tradução: Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo.

_____. (2004). *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Tradução: Jesus Ranieri.
São Paulo: Boitempo.